



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

O ESPAÇO EXTERIOR COMO AMBIENTE EDUCATIVO

Departamento de Formação de Educação e Professores

Mestrado em Educação Pré-Escolar

2021, Ariana Beatriz Gonçalves Wiart



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Ariana Beatriz Gonçalves Wiart

“O espaço exterior como ambiente educativo”

Relatório Final em Educação Pré-Escolar, apresentado ao Departamento de Formação de Educadores e Professores para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Prof. Doutor(a) Pedro Balaus Custódio

Arguente: Prof. Doutor(a) Vera Maria Silvério do Vale

Orientador: Prof. Doutor(a) Ana Maria Sarmiento Coelho

Outubro de 2021

Agradecimentos

Quero começar por agradecer a todas as pessoas que contribuíram em todo o meu percurso académico, desde a entrada para a Licenciatura até a reta final do Mestrado. Ser Educadora de Infância é um grande desejo meu e chegar até aqui foi conseguir concretizar um sonho que passou por algumas exigências, muito trabalho, esforço e dedicação que valeu a pena e que não teria sido igual sem o apoio das pessoas mais importantes para mim.

Para começar, quero agradecer aos meus pais, padrasto e avós que sempre me apoiaram, incentivaram e não me deixaram desistir quando me sentia mais embaixo ou menos motivada. Sei que eles foram o meu grande pilar. Quero também agradecer ao meu afilhado, que embora seja um apoio diferente, o simples sorriso dele me fazia voltar a ter forças para continuar e não desistir de algo que quero para o meu futuro. Não esquecendo os meus amigos que me acompanharam.

A minha colega de estágio, Beatriz Carvalho, não podia ser esquecida, pois, embora algumas discordâncias, partilhamos os melhores momentos deste percurso (estágios). Quem diria, duas pessoas que nunca tinham trabalhado juntas e nem tinham uma relação próxima, se dessem bem a nível de “trabalho”.

Agradeço muito à Educadora Cooperante de JI que embora toda esta situação da pandemia me ajudou e apoiou em tudo o que foi preciso e nunca desistiu de nós. Deixando-me explorar todas as minhas propostas e refletindo comigo os pontos fortes e os a melhorar de forma a ajudar-me a refletir no meu papel enquanto futura educadora. É, sem dúvida, uma excelente educadora.

Por último, e não menos importante, uma grande obrigada à Escola Superior de Educação de Coimbra e a todos os docentes, destacando a Doutora Ana Coelho por todos os conselhos, apoio e sabedoria que me permitiu terminar não só este estudo como também todo o processo até aqui.

O Espaço Exterior como Ambiente Educativo

O brincar na natureza tem vindo a assumir um papel importante em algumas instituições de educação de infância, contudo ainda existe um trabalho pela frente para que todos os educadores e instituições educativas apoiem e desenvolvam as suas práticas educativas neste espaço. Neste sentido, este estudo pretende mostrar o nível de bem-estar e implicação de um grupo de 5 crianças com 2 anos de idade em dois espaços: a sala da instituição e um espaço exterior (Natureza).

A análise dos dados foi feita com recurso a um dispositivo de avaliação em creche (CREHEndo, Carvalho & Portugal, 2019) através do qual foram analisados os níveis de bem-estar e implicação das crianças em ambos os espaços em estudo.

Os resultados mostram que o bem-estar e implicação da criança são mais notórias em ambientes naturais, contudo nem sempre estes espaços são explorados devido ao adulto ainda não aceitar o risco como forma de aprendizagem e desenvolvimento.

Palavras-chave: Ambiente Educativo; Espaço Sala; Espaço Exterior; Natureza; Brincar e Brincar Arriscado

The Outdoor as an Educational Environment

Playing outside has been assuming an important role in some early childhood education institutions, however, there is still a lot of work ahead for all educators and educational institutions to support and develop their educational practices in outdoor spaces. In this sense, this study aims to show the level of well-being and involvement of a group of 5 children aged 2 years in two spaces: the institution room and an outdoor space (nature).

Data analysis was done using an evaluation tool for nursery (CREHEndo, Carvalho & Portugal, 2019) through which the children's well-being and implication data in both spaces under study were analysed.

The results show that the child's well-being and involvement are most noticeable in natural environments, however these places are not always explored due to the fact that adults are not yet accepting risk as a form of learning and development.

Keywords: Educational Environment; Room Space; Outdoor Space; Nature; Play and Risky Play

Índice

Introdução	8
ENQUADRAMENTO TEORICO	10
1. Ambientes Educativos em Creche.....	11
1.1. Espaço Sala	11
1.2. Espaço Exterior	12
2. As Crianças e a Natureza	13
3. O Brincar e os seus benefícios	14
3.1. Importância do risco no brincar	15
COMPONENTE INVESTIGATIVA	16
4. Enquadramento Geral.....	17
5. Objetivos e questões de Investigação	17
6. Caracterização do contexto.....	18
7. Espaços de observação	18
8. Participantes	19
9. Opções metodológicas.....	19
9.1. Enquadramento Metodológico	19
9.2. Instrumentos e técnicas de Recolha de dados.....	20
9.3. Procedimentos Metodológicos	21
10. Apresentação e Análise de Dados	21
10.1. Diferentes oportunidades na sala e na natureza	22
10.2. Nível de implicação e bem-estar da criança no espaço sala e espaço natureza 25	
11. Discussão de dados	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
BIBLIOGRAFIA.....	36

Lista de abreviaturas

1. OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
2. ME – Ministério da Educação

Lista de Tabelas

FIGURA 1 - ESPAÇO SALA	24
FIGURA 2 - NATUREZA.....	26
FIGURA 3 - BEM-ESTAR NO ESPAÇO SALA	27
FIGURA 4 - BEM-ESTAR NA NATUREZA	28
FIGURA 5 - IMPLICAÇÃO DA CRIANÇA NO ESPAÇO SALA.....	30
FIGURA 6 - IMPLICAÇÃO DA CRIANÇA NA NATUREZA.....	31

Introdução

O brincar é a forma mais completa e saudável de a criança se desenvolver de forma plena e global sendo que deve ser a principal forma de a criança se expressar e desenvolver. Através do brincar a criança realiza aprendizagens, tanto sobre o mundo que a rodeia, como sobre ela mesma.

De acordo com Kishimoto (2010), é importante ver as crianças como seres únicos e individuais. Ou seja, todas as crianças têm direito a brincar de forma a desenvolver capacidades cognitivas e sensoriais. Ainda segundo Kishimoto (2010) é através do brincar que a criança se desenvolve em todas as dimensões, física, social, cultural cognitiva e emocional. Deste modo o brincar proporciona um meio de desenvolvimento e de interação dando espaço à criatividade proporcionando momentos de prazer.

Contudo, cada vez mais as crianças brincam em ambientes fechados, em casa ou nas instituições educativas, devido à excessiva necessidade de proteção e segurança, excluindo os momentos de possível risco que são importantes para a aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 2016, p. 27) “o espaço exterior é um local privilegiado para atividades das crianças que, ao brincar, têm a capacidade de desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais (pedras, folhas, plantas, paus, areia, terra, água, etc.) que, por sua vez, podem ser trazidos para a sala e ser objeto de outras explorações e utilizações”.

Neste sentido, este estudo pretende analisar não só a importância do brincar para a criança, mas principalmente perceber até que ponto o brincar na natureza é importante e do agrado da mesma. Observar os comportamentos apresentados pela criança no que toca ao seu bem-estar e implicação percebendo quais as vantagens e aprendizagens que vão adquirindo na exploração deste ambiente percebendo assim se o seu desenvolvimento é realizado de forma plena.

O trabalho divide-se em três capítulos: Enquadramento Teórico; Componente investigativa onde é apresentada a análise dos dados e, por fim, Considerações Finais.

O Capítulo I apresenta um balanço relativo ao ambiente educativo em creche de uma forma geral e posteriormente os ambientes analisados neste estudo (sala e natureza) de uma forma mais específica. Como o espaço exterior escolhido foi a natureza, o tópico seguinte refere-se a “Criança e a Natureza”, referindo algumas vantagens do contexto natureza no desenvolvimento da criança. Neste capítulo é ainda feita referência ao brincar, mencionando a sua importância e ainda o risco como processo chave para o desenvolvimento da criança.

Relativamente ao Capítulo II – Componente Investigativa - evidencia o enquadramento conceptual do estudo, neste sentido são apresentados os objetivos e as questões da investigação; a caracterização do contexto em que o estudo foi realizado; os espaços de observação em estudo, os participantes e as opções metodológicas onde é referido é expressa a análise dos dados adquiridos ao longo do estudo.

Por fim, no que diz respeito ao Capítulo III, apresentam-se as considerações finais acerca de todo o estudo e das conclusões que resultam da análise dos dados.

ENQUADRAMENTO TEORICO

1. Ambientes Educativos em Creche

O estabelecimento educativo deve organizar-se como um contexto facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, proporcionando também oportunidades de formação dos adultos que nele trabalham. (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016)

Os ambientes educativos (interior ou exterior) devem ser organizados indo ao encontro das necessidades e interesses das crianças, proporcionando lhes propostas, momentos, materiais e espaços confortáveis e acolhedores para que estas se sintam confortáveis e em pleno bem-estar, sendo, portanto, um instrumento de análise para que o educador adapte o seu método de trabalho consoante o feedback que vai adquirindo pela observação diária do grupo (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

Neste estudo, optei por focar-me em dois espaços educativos, o espaço sala e o espaço exterior mais precisamente um jardim publico nas imediações da instituição a que as crianças acedem com regularidade. Pretendo, assim, perceber em que ambientes as crianças se sentem mais confortáveis e seguras, manifestando o seu ímpeto exploratório e perceber em quais dos espaços o seu bem-estar e a sua implicação nas brincadeiras e propostas são mais notórias. Quais os ambientes que lhes despertam mais interesse e vontade de arriscar, percebendo ainda, até que ponto, a natureza, é realmente importante para o desenvolvimento saudável das crianças e se a sua autonomia é, ou não, influenciada consoante o espaço em que se encontram.

1.1. Espaço Sala

A utilização e organização da sala de atividades expressa as intenções educativas do educador. Por isto, o adulto deve avaliar os desafios dos materiais percebendo o modo como o seu desenvolvimento é potenciado e enriquecedor para as crianças. Para isto, a escolha dos materiais deve ter em conta aspetos como a variedade e ainda o grau de complexidade para que as crianças se consigam desafiar tal como refere Portugal (2012). Estes materiais devem ser organizados de forma a favorecer a sua utilização autónoma e devem proporcionar experiências que apelem aos sentidos da criança e ao desenvolvimento de capacidades de exploração e criatividade, favorecendo uma aprendizagem ativa (Hohmann & Weikart, 2011, citados por Maia, 2020). No que diz respeito à organização do espaço, este é maioritariamente organizado em áreas de interesse. Normalmente, existe, por exemplo, a área das construções, da casinha,

das atividades artísticas, da música, dos livros e da escrita, dos computadores, entre outras (ME, 2016).

O profissional de educação precisa de se questionar regularmente sobre a adequação, funcionalidade e potencialidades educativas do espaço e dos materiais. Além disso, deve observar as crianças, ouvir as suas opiniões e ter em consideração os seus interesses para promover um espaço capaz de oferecer atividades adequadas, que aumentem a implicação das crianças (Bento & Portugal, 2016).

Como referido nas OCEPE (ME, 2016, p.24) “A organização do grupo, do espaço e do tempo constituem dimensões interligadas da organização do ambiente educativo da sala. Esta organização constituiu o suporte do desenvolvimento curricular, pois as formas de interação no grupo, os materiais disponíveis e a sua organização, a distribuição e utilização do tempo são determinantes para o que as crianças podem escolher, fazer e aprender”.

1.2. Espaço Exterior

O espaço exterior confronta a criança e permite-lhe aperceber-se dos seus próprios limites. Ferjou e Fauchier-Delavigne (2020) dizem que “mesmo algo que parece um quadrado de ervas más, podemos ver árvores que crescem com a criança e que revelam as suas formas, cores e perfumes”. Ou seja, basta um espaço natural saudável para que a criança através das suas explorações e brincadeiras (não só livres, mas também com a ajuda da educadora em determinadas propostas que podem ser realizadas num espaço exterior de natureza) adquira diversas aprendizagens e desenvolva todas as suas competências.

Este espaço é uma mais-valia pois proporciona oportunidades educativas diversas, devendo ser valorizada pelo educador. Por isto, as práticas do adulto devem apoiar e incentivar a criança nas suas descobertas, criando um acesso a uma grande variedade de experiências, incentivando-a a experimentar, a investigar e a solucionar problemas (Coelho, et al., 2015). Nesta linha de pensamento a criança aprende de forma autónoma, com as suas experiências pessoais. Neste sentido torna-se importante promover o contacto com a natureza e as brincadeiras no exterior.

Como referem Silva, Marques, Mata e Rosa, (2016, p.27) “O espaço exterior é um local privilegiado para atividades da iniciativa das crianças que, ao brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais (pedras, folhas, plantas, paus, areia, terra, água, etc) que, por sua vez, podem ser

trazidos para a sala e ser objeto de outras explorações e utilizações”. Por esta razão, a natureza ser tão importante pois permite à criança contactar com diversos elementos naturais criando brincadeiras e aprendizagens baseadas no respeito pelo mundo que as rodeia: a natureza com os seus elementos e fenómenos, o seu próprio corpo e ainda o respeito pelos outros. E em creche é importante este contacto para que os sentidos sejam explorados e tenham consciência do mundo que as rodeia, pois é uma faixa etária muito curiosa e atenta a tudo.

2. A Criança e a Natureza

O contacto com todos os elementos que a natureza proporciona são estimulantes para as crianças, pois criam momentos de reflexão, conhecimento e compreensão das suas características, das suas transformações e das razões por que aconteceram (M.E., 2016).

Como mencionam Crystèle Ferjou e Moina Fauchier-Delavigne no livro “Emmenez les enfants dehors!” (2019, p. 54), a diversidade de texturas, de elementos, de plantas e do vivo propõe muitas possibilidades de descobertas, explorações e muitas oportunidades de atividades físicas e de matéria para desenvolver a imaginação e a criatividade. Silva, Marques, Mata e Rosa (2016) explicam também que a natureza é um local onde as crianças tomam iniciativa para desenvolver múltiplas formas de interação social, de contacto com a natureza e ainda interação com o próprio corpo com desenvolvimento físico.

A criança não só desenvolve a sua autoestima, autonomia, liberdade de escolha e de exploração como também se conhece a si mesma e o mundo que a rodeia, adquirindo consciência dos fenómenos naturais que vão acontecendo a cada momento do ano. Para isto é importante também ter confiança na criança e dar-lhes o seu espaço, limitar a vigilância para que a criança se sinta completamente à vontade para investir nas suas brincadeiras. Tal como Vale (2013, citado por Ganhão, 2017) refere quando diz que é fundamental proporcionar às crianças “espaços de brincadeiras menos estruturados, com uma vigilância escondida, onde estas podem explorar materiais, interagir de forma mais livre e autónoma, aprender a lidar com os riscos e perigos inerentes ao espaço e materiais”.

Com tudo isto, podemos concluir que as brincadeiras na natureza proporcionam diversos benefícios na criança, não só a nível da saúde física, mas também do bem-estar. Alguns benefícios a destacar são: estimula a criatividade, ajuda no sistema imunológico, apura dos

sentidos, ajuda nos vínculos sociais, desenvolve a coordenação motora, proporciona momentos de concentração, diminui problemas de saúde, desenvolve competência e resiliência e aprende a valorizar e preservar a natureza.

3. O Brincar e os seus benefícios

Existem várias formas de definir o conceito de brincar consoante a finalidade educativa, a natureza da infância e a evolução das ideias relativas ao brincar (Coelho & Vale, 2017). Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 2016, p.10,11), “o brincar é uma atividade espontânea da criança que proporciona prazer, liberdade de ação, imaginação e exploração”.

Através do brincar, a criança deve ser valorizada como um ser competente capaz de explorar e aprender de forma autónoma através do seu envolvimento e partilha com os outros. Conforme Silva, Marques, Mata e Rosa (2016) referem, o brincar é um meio privilegiado pois promovem relações entre as crianças e o educador e conseqüentemente desenvolvem competências sociais e de comunicação.

Com o brincar a criança desenvolve competências como a autonomia, curiosidade, criatividade, a imaginação e coloca em ação as suas fantasias e sonhos. Todas as crianças são únicas e por isso deve ser dado o tempo e o espaço necessários para que todas se desenvolvam e cresçam com os mesmos direitos. Tempo esse que deve ser dado à criança de forma que esta se sinta segura e confiante para avançar com as suas explorações e brincadeiras, adquirindo assim diversas aprendizagens por elas mesmas. Como referem Silva, Marques, Mata & Rosa (2016, p.11) o brincar proporciona várias conquistas “tais como, ter iniciativas, fazer descobertas, expressar as suas opiniões, resolver problemas, persistir nas tarefas, colaborar com os outros, desenvolver a criatividade, a curiosidade e o gosto por aprender”.

Deve ainda ser permitido à criança o erro para que se sinta confortável em tentar de novo, percebendo que o erro faz parte da vida, sentindo-se confiantes em continuar o processo de aprendizagem sem medo de errar novamente. Como afirmam Nelsen, Erwin e Duffy (Citados por Béatrice Sabaté & Armelle Martin, 2019, p.201) : “ Au lieu de se décourager quand on se trompe, on peut se dire : « Voilà une nouvelle chance d’apprendre ! » (...) Parfois, ce que l’on apprend de plus important résulte de nos erreurs”. (Em vez de nos desencorajarmos quando

cometemos um erro, podemos dizer nos que é uma nova chance de aprender. Por vezes, o que aprendemos de mais importante resulta de um erro).

3.1. Importância do risco no brincar

Atualmente, o risco é visto como algo que deve ser evitado por completo no que toca à criança. Os valores da sociedade em que a criança está inserida também influencia muito a forma como o risco no brincar é avaliado e compreendido. As sociedades ocidentais “proíbem” cada vez mais o risco criando mais medos com as preocupações excessivas em relação às crianças (Gill, 2010).

Na Dinamarca e na Noruega, por exemplo, o risco não é abolido nem visto como uma ameaça para a criança, mas sim valorizado pois proporciona experiências e desafios através dos quais a criança vai alargando os seus conhecimentos (Gill, 2010). Em Portugal a aceitação do risco é ainda reduzida.

Segundo Smith (1998, citado por Bento, 2012) as crianças têm consciência do risco e são capazes de avaliar situações calculando estratégias para enfrentar as situações que vão surgindo. E por isto, a criança não se entrega de forma cega aos novos desafios, existe sempre uma primeira hesitação até esta se sentir segura e confiante para avançar nas suas explorações, tenta sempre olhar para o adulto para se sentir seguro consoante as expressões e gestos que observam. É com o contacto com o risco, que a criança conhece os seus limites, testa estratégias de resolução de problemas e vai adquirindo diversas competências uteis para o dia a dia e futuro (Gill, 2010). Consequentemente através desse contacto a criança vai aprendendo a lidar com o medo, começa a confiar nas suas decisões, desenvolve o seu pensamento redefinindo ideias do que sente que é melhor para ela mesma e vai percebendo as consequências dos seus atos e escolhas. Por isto, é importante que a criança tenha contacto com a natureza, através de vários materiais, diferentes pavimentos, texturas, o trepar, correr, cair, sujar-se. Em suma, contactar com desafios que os ajudam a desenvolver-se de forma completa (Tovey, 2011, citado por Bento, 2012).

Importa, ainda, realçar o papel do adulto que deve ser o primeiro a aceitar o risco como algo normal e importante para a criança, fazendo com que esta se sinta à-vontade para fazer as suas descobertas sem medos, mostrando por outro lado que esta tudo bem se algo correr menos bem e que este estará ao seu lado, se necessário. Ajudando assim a criança a não deixar que o medo se apodere das suas decisões e brincadeiras.

COMPONENTE INVESTIGATIVA

4. Enquadramento Geral

Este estudo foi desenvolvido em dois espaços distintos de uma instituição (sala de atividades e espaço exterior) com o objetivo de perceber eventuais diferenças dos níveis de implicação e bem-estar das crianças em ambos os contextos e quais as propostas/materiais que mais despertam o seu interesse. Quero também perceber até que ponto a Natureza é de facto importante para as aprendizagens da criança e o que esta implica nas suas vidas através das suas explorações e brincadeiras. Este estudo vai permitir ouvir e analisar o feedback que as crianças vão expressando no dia a dia, seja através da fala ou das suas expressões corporais e faciais permitindo que a minha observação seja mais rigorosa, respondendo as minhas questões de partida para este estudo.

5. Objetivos e questões de Investigação

O objetivo geral do estudo que aqui se apresenta é compreender e avaliar a implicação e o bem-estar das crianças na sala de atividades e no espaço exterior próximo da creche. Neste sentido, destaco os seguintes objetivos específicos para este estudo:

- Identificar diferenças nos comportamentos das crianças em ambiente sala e em ambiente natureza;
- Identificar e compreender as diferenças de envolvimento por parte da criança em ambiente sala e em ambiente natureza;
- Identificar e compreender as diferenças ao nível do bem-estar das crianças em ambiente sala e em ambiente natureza;

Além disto, defini ainda questões gerais de partida:

- O comportamento das crianças em contexto sala e em contexto natureza apresenta diferenças significativas?
- Quais as diferenças ao nível do bem-estar e do envolvimento das crianças nos contextos sala e exterior?

6. Caracterização do contexto

A creche onde foi realizado o estudo encontra-se situada na zona alta da cidade de Coimbra. O espaço envolvente é um bom recurso educativo devido à variedade de ofertas que encontramos, desde espaços naturais a espaços culturais, como a casa Municipal de Cultura, Biblioteca e Ludoteca. A boa rede de transportes e a localização no centro da cidade permite deslocações até ao jardim botânico, baixa da cidade, Mercado, Universidade, entre outros locais.

7. Espaços de observação

A instituição onde estagiei, destaca três fundamentos para o exercício de uma pedagogia diferenciada e de qualidade: o brincar, a exploração exterior e a educação estética. Estes fundamentos e o facto de a instituição valorizar o espaço exterior como ambiente educativo, ajudou e apoiou o meu estudo.

Como foi explicitado anteriormente, o objeto de estudo deste trabalho é a exploração de dois espaços distintos – a sala do grupo e um espaço natural próximo da instituição.

O espaço sala é um local iluminado com luz natural, uma porta com acesso ao espaço exterior, que muitas vezes se encontra aberta para arejar o espaço, sendo comum as crianças aproveitarem essa oportunidade para se sentarem a olhar para a rua. Existe um canto de cozinha, um canto das bonecas, o tapete para conversas e brincadeiras, uma mesa para jogos de mesa, construções, recortes e pinturas, um cesto de livros e a área das pistas e dos carros. As crianças podem usufruir de todo o espaço e desenvolver brincadeiras da sua iniciativa.

Relativamente aos materiais estes são diversificados, todas as semanas a educadora modifica os brinquedos, puzzles e jogos para as crianças não repetirem sempre os mesmos e terem outras opções de escolha e níveis de dificuldades também diferentes. Todos estes materiais estão ao alcance da criança, podendo esta ser autónoma quando quer alcançar algum tipo de brinquedo/jogo.

O conhecimento do espaço e das suas potencialidades são condição para que a criança desenvolva a autonomia, compreendendo como pode ser utilizado, sendo ativo na sua organização e mudanças a realizar (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016).

O espaço Natureza é um espaço que se encontra perto da instituição, com árvores, folhas, flores, pedras, terra, água, lama, superfícies planas e outras mais desafiadoras, locais onde podem escalar e até um parque infantil. Neste espaço a criança brinca e explora livremente o espaço e os materiais naturais desafiando-se a ela mesma.

8. Participantes

Participaram no estudo cinco crianças com dois anos de idade, três crianças do sexo masculino e duas do sexo feminino. As crianças em estudo foram selecionadas consoante alguns comportamentos que foram manifestando ao longo da minha participação em estágio, que me despertaram particular interesse.

Destas cinco crianças, a RD suscitou o meu interesse pela sua timidez e desconfiança de uma forma geral ao longo dos dias. A criança RB por ser muito “rebelde” e muitas vezes agressiva com os colegas, dificilmente cumpria quando um adulto lhe pedia algo em que tivesse de permanecer um pouco calmo. A criança, M apresenta algumas dificuldades a nível de desenvolvimento e prefere sempre brincar sozinha. Quanto as outras duas crianças, a S ainda não tem a linguagem totalmente desenvolvida, contudo vai tentando articular algumas palavras, comunica com os outros da melhor forma que consegue. Quanto à rotina, embora ainda necessite de alguma ajuda, vai tentando colaborar. Por último, a criança MJ, uma criança autónoma, comunicativa e brincalhona. Gosta de organizar os brinquedos à sua maneira e não gosta muito de ser incomodada. No que toca a propostas em que exista a possibilidade de se sujar prefere envolver-se noutra brincadeira.

9. Opções metodológicas

9.1. Enquadramento Metodológico

Este trabalho corresponde a uma investigação qualitativa descritiva. O estudo baseou-se na observação das crianças, as suas necessidades e interesses, a forma como brincavam na natureza e na sala, para perceber as diferenças de implicação e bem-estar da criança em ambos os espaços e perceber em que espaço se implicam mais e se sentem mais felizes e autónomas.

Para uma investigação qualitativa é importante que o investigador recolha, através da sua observação, as ações que decorrem num determinado espaço e proponha melhorias para facilitar o seu estudo (Amado, 2014). É ainda de igual forma importante, ver cada criança como um ser único e diferente, pois, cada uma tem as suas próprias características e age de forma diferente em situações semelhantes.

9.2. Instrumentos e técnicas de Recolha de dados

Os instrumentos e as técnicas de recolha de dados são o conjunto de processos que permitem recolher, descrever e compreender os dados, sendo que é fundamental no processo de investigação (Sousa & Baptista, 2011).

Neste estudo, foram utilizados os seguintes instrumentos:

- Notas de campo (em contexto sala e em contexto natureza ao longo dos dias);
- Registos fotográficos;
- Observação dos registos feitos pela educadora cooperante;
- Grelha de observação dos níveis de bem-estar e implicação (observação direta das crianças no seu dia a dia):

Estas grelhas foram construídas com base no sistema de Avaliação em Creche, CRECHendo com qualidade elaborado por Cindy Carvalho e Gabriela Portugal (2017).

A observação centra-se em duas variáveis:

- Bem-estar: emoções marcadas pela satisfação e prazer e em simultâneo, por níveis elevados de energia, vitalidade e abertura ao exterior. (Carvalho & Portugal, 2017). Esta variável rege-se pelos seguintes indicadores: Prazer/alegria; tranquilidade; vitalidade; energia; desconforto; tensão; frustração; desconfiança; agressividade; isolamento; fechamento.
- Implicação: concentração, persistência, motivação, interesse, satisfação e energia. Esta relacionada pela necessidade de explorar e se expressar de acordo com o nível de desenvolvimento da criança (Carvalho, & Portugal, 2017). Com os seguintes indicadores: motivação; persistência; satisfação; ímpeto exploratório; concentração; passividade; aborrecimento; desmotivação; desinteresse.

Estas variáveis são avaliadas pelos níveis, baixo (as oportunidades oferecidas pelo contexto não estão a responder às necessidades e interesses da criança), médio (exigem atenção, uma vez que não estão a funcionar em níveis desejados) e alto (indicam que de momento, a criança está a usufruir das oportunidades proporcionadas, não suscitando preocupações imediatas) (Carvalho, & Portugal, 2017).

9.3. Procedimentos Metodológicos

Após uma reunião com a educadora cooperante, foi entregue aos encarregados de educação um pedido de consentimento informado que pedia o consentimento de registos fotográficos, garantindo a confidencialidade dos mesmos.

Depois disto, embora as idas ao jardim já se realizassem uma vez por semana foram agendadas mais idas, passando assim a duas vezes por semana.

As observações foram realizadas de novembro de 2020 a março de 2021, numa duração de hora e meia. Os registos fotográficos foram realizados ao longo dos dias, tanto em espaço sala como no jardim. As notas de campo e o preenchimento das grelhas de observação foram redigidas posteriormente, no final de cada observação, ou sempre que tinha oportunidade para realizar o registo.

Todo o processo desde o calçar as galochas até à brincadeira em si, era feita de uma forma autónoma e sempre com a participação da criança. Já no espaço exterior, a criança envolve-se com a natureza e com os materiais naturais que estão a sua disposição de forma livre e entusiasmada. O adulto participava nas brincadeiras sempre que era solicitado pela criança e apresentava uma postura de vigia embora deixa-se a criança tomar iniciativa, decisões e riscos.

10. Apresentação e Análise de Dados

O estudo deste trabalho foi realizado através da comparação entre dois contextos (sala de trabalho e espaço exterior) segundo dois níveis de avaliação: o bem-estar e a implicação da criança. Nestes locais foram analisados quais os materiais e propostas que despertam mais interesse nas crianças e em quais dos espaços a criança se implica mais na brincadeira e se sentem melhor, manifestando-se de forma mais espontânea e livre podendo aproveitar e viver os momentos de brincadeira e aprendizagens.

Para melhor entender o processo em estudo, de seguida, apresento uma breve descrição de todo o processo que foi desenvolvido e as conclusões a que cheguei ao analisar todas as informações que fui recolhendo ao longo da minha observação.

10.1. Diferentes oportunidades na sala e na natureza

A primeira tabela representa uma observação geral do grupo de 5 crianças que acompanhei ao longo do período de estágio relativamente ao nível de implicação e bem-estar em espaço sala e quais as atividades que mais manifestavam interesse em realizar. Esta observação realizou-se duas vezes por semana durante aproximadamente uma hora e meia.

Tal como referem Cindy Carvalho e Gabriela Portugal (2017, p.42): “Quando uma criança apresenta elevados níveis de bem-estar, pode considerar-se que a sua saúde mental esta assegurada. [...] A presença de elevados níveis de implicação indica que a criança esta a realizar aprendizagens ao nível profundo.”

No que diz respeito ao espaço sala, todos os materiais dispostos eram de possível e fácil acesso para a criança, sendo que todos podiam brincar livremente com o que preferiam no momento. Este espaço está dividido pelo canto das bonecas, o canto dos carros e pistas, o canto da cozinha, o canto dos livros, dos puzzles e jogos de mesa e ainda os jogos de construção. Neste ambiente podíamos ainda encontrar uma mesa e um tapete para conversas em grande grupo ou leituras de histórias.

Como as OCEPE (2016, p.24) referem a organização do ambiente educativo da sala é o suporte do desenvolvimento do currículo e, por isto, a organização do grupo, dos materiais e a gestão do tempo são determinantes para que a criança possa escolher, fazer e aprender.

Tabela 1 – Espaço Sala

Crianças	Bem-Estar			Implicação			Implica-se muito em...	Não se implica em...	Comentários
	Baixo	Médio	Alto	Baixo	Médio	Alto			
M		X			X		Cozinha, construções e pinturas	Livros, carros	
RD		X			X		Cozinha e livros	Carros	
MJ		X			X		Dança, bonecas e pinturas	Carros, pistas	
RB		X				X	Carros e construção	Cozinha, bonecas, puzzle	
S			X			X	Puzzles, construções e livros	Cozinha, bonecas	

Com a análise da tabela 1 podemos perceber que o nível de implicação e bem-estar observado é maioritariamente médio. Apenas duas crianças manifestam um nível alto de implicação na sala porque de facto, embora por vezes se mostrem um pouco “perdidinhas” em decidir qual a brincadeira que deverão escolher, acabam por implicar-se nela.

No que se refere às brincadeiras, neste grupo, as crianças de sexo masculino optam mais por brincar com carros e pistas. Em relação aos restantes materiais, como os de construção, puzzles e livros, também são muito procurados e criam alguns momentos de prazer na criança. Principalmente na criança S que adorava ouvir histórias mesmo que já as tivesse ouvido anteriormente.

Embora a educadora cooperante modificasse os jogos com alguma frequência, principalmente os puzzles, notava-se que as crianças já as conheciam. Muitas nem precisavam de muito esforço para rapidamente construírem o puzzle e por isso, por vezes, tornar-se muito monótono e repetitivo.

A segunda tabela representa uma observação do mesmo grupo de crianças relativa ao nível de implicação e bem-estar, mas, desta vez, em espaço natureza e quais as atividades que mais manifestavam interesse em realizar.

Neste espaço encontram-se vários elementos naturais à disposição da criança para que esta os utilize de forma livre nas suas brincadeiras e descobertas, entre os quais, por exemplo, árvores, insetos, terra, pedras, folhas, flores, água. Sendo que, a criança é livre de optar com que material brincar e o que fazer naquele espaço. Eram, por vezes, encontrados alguns desafios consoante o local do espaço onde se encontram.

A criança, ao brincar no espaço exterior, têm a oportunidade de desenvolver formas de interação social, de contactar com materiais naturais explorando-os e aprendendo com eles e ainda tem oportunidade para desenvolver atividades físicas (OCEPE, 2016).

Tabela 2 – Natureza

Crianças	Bem-Estar			Implicação			Implica-se muito em...	Não se implica em...	Comentários
	Baixo	Médio	Alto	Baixo	Médio	Alto			
M			X			X	Terra, areia, pedras	Lama, água	
RD			X		X		Paus, folhas	Lama	
MJ			X		X		Folhas, bolotas	Lama, água	Não gosta muito de se molhar e sujar a roupa
RB			X			X	Pedras, Paus, lama, água		
S			X			X	Paus, água,		

Ao observarmos a tabela 2, conseguimos perceber que maioritariamente as crianças apresentam um nível alto neste contexto, tanto de bem-estar como de implicação. Apenas duas crianças apresentam nível médio porque são crianças mais desconfiadas e mais recatadas.

Relativamente aos materiais que usam para as suas explorações na natureza são, em grande maioria, os paus. Contudo, como se pode ver, a terra, a areia, as pedras e folhas também são opções frequentes. Em relação as brincadeiras onde não existe uma implicação tão frequente, destaca-se a água e a lama. Embora de um modo geral as crianças gostem, três das crianças mencionadas neste estudo optam sempre por outro tipo de brincadeiras e não mostram tanto gosto no que toca à sujidade.

10.2. Nível de implicação e bem-estar da criança no espaço sala e espaço natureza

As seguintes tabelas mostram os diferentes tipos de bem-estar e implicação a nível individual em ambos os espaços de estudo. Sendo que, “O bem-estar é um estado emocional marcado pela satisfação e prazer, por uma grande serenidade interior, mas também, e em simultâneo, por energia, vitalidade e abertura ao exterior. [...] A implicação é uma qualidade da atividade humana marcada por concentração, persistência, motivação, interesse, satisfação e energia. Esta variável está relacionada com a necessidade de exploração, e expressa-se de acordo com o nível de desenvolvimento da criança.” (Carvalho & Portugal, 2017, p. 42).

De seguida, são apresentadas as tabelas 3 e 4 onde podemos observar os tópicos de bem-estar em espaço sala e em espaço exterior das 5 crianças em estudo.

Tabela 3 – Bem-Estar no Espaço Sala

Espaço Sala	Criança M	Criança RD	Criança MJ	Criança RB	Criança S	Observações
Prazer/Alegria	X	X	X		X	No sentido de estares no seu canto a dedicarem- se no que estão a fazer
Tranquilidade	X	X	X	X	X	Nota-se mais quando é a realização de algo que gostam muito
Vitalidade			X	X		
Energia			X	X		
Desconforto		X				Em alguns momentos noto um certo desconforto
Tensão						
Frustração						
Desconfiança		X	X			
Agressividade				X		
Isolamento	X	X				Muitas vezes isolam-se no seu canto
Fechamento						
Ambos os sentimentos/neutralidade	X	X				Nem sempre, mas por vezes, nota-se
Participa, mas: - Sem interesse - Sem motivação						

Tabela 4 – Bem-Estar na Natureza

Espaço Natureza	Criança M	Criança RD	Criança MJ	Criança RB	Criança S	Observações
Prazer/Alegria	X	X	X	X	X	
Tranquilidade	X	X	X	X	X	Nas suas explorações livres
Vitalidade	X	X	X	X	X	
Energia	X	X	X	X	X	
Desconforto			X			No que toca a muito sujidade
Tensão						
Frustração						
Desconfiança		X				No geral, é um pouco desconfiado, precisa primeiro de observar e sentir-se confiante
Agressividade						
Isolamento						
Fechamento						
Ambos os sentimentos/neutralidade						
Participa, mas: -Sem interesse -Sem motivação						

Através da análise destas duas tabelas, podemos perceber que no espaço sala existem alguns níveis de agressividade, isolamento e desconfiança pois nem sempre as crianças se mostram envolvidas ou com motivação para certas brincadeiras. Muitas vezes os jogos são os mesmos e a criança como já os conhece não se sentindo tao motivada para os voltar a fazer mostra-se desconfortável e conseqüentemente tenta criar momentos de chamadas de atenção com algumas atitudes agressivas, como foi notório com uma das crianças deste estudo.

Na natureza, as crianças mostram mais níveis de prazer/alegria, tranquilidade, vitalidade e energia. O fator espaço é importante pois podem andar mais livremente sem disputas de espaço materiais. Nota-se ainda, uma grande liberdade por parte da expressão e envolvimento da própria criança. Como refere Hanscom (2018, p.15) “Na Natureza, as crianças aprendem a correr riscos, a ultrapassar medos, a fazer novos amigos, a regular emoções e a criar mundos imaginários”. E por isto, ser tão importante criar estes momentos de exploração na natureza que visivelmente é de agrado da

criança, pois, envolve-se de forma global. Todas as crianças brincam juntas, fortalecendo, assim, os laços de amizade, respeito e partilha.

As birras e as discussões pelos mesmos brinquedos diminuem e tentam arranjar mais materiais para o outro e assim poderem brincar em conjunto.

Seguimos agora para a apresentação das tabelas 5 e 6 onde são apresentados os níveis de implicação das mesmas crianças em ambos os espaços em estudo.

Tabela 5 – Implicação da criança no Espaço Sala

Espaço sala	Criança M	Criança RD	Criança MJ	Criança RB	Criança S	Observações
Motivação			X		X	
Persistência	X		X		X	
Satisfação						
Ímpeto exploratório	X			X	X	
Concentração		X	X		X	
Passividade			X			
Aborrecimento				X		No sentido em que não fica muito tempo no mesmo local e torna-se agressivo
Desmotivação	X	X				
Desinteresse						
Participa, mas: - Sem interesse - Sem motivação						

Tabela 6 – Implicação da criança na Natureza

Espaço Natureza	Criança M	Criança RD	Criança MJ	Criança RB	Criança S	Observações
Motivação	X	X	X	X	X	
Persistência	X		X	X	X	
Satisfação	X	X	X	X	X	
Ímpeto exploratório	X			X	X	
Concentração	X	X	X	X	X	
Passividade						
Aborrecimento						
Desmotivação						
Desinteresse						
Participa, mas: - Sem interesse - Sem motivação						

Nestas tabelas, podemos perceber que a motivação, a persistência, a satisfação, o ímpeto exploratório e a concentração, são mais notórias nas brincadeiras livres na natureza do que em espaço sala. Talvez pelo espaço e materiais serem mais desafiadores. As crianças envolvem-se mais nas suas brincadeiras e explorações quando se encontram na natureza e isso nota-se muito no momento em que têm de regressar à sala e tentam sempre ficar mais um pouco ou simplesmente continuam com as suas brincadeiras para indiretamente ficarem mais tempo naquele ambiente.

Todo o tipo de materiais, insetos e locais é motivo de curiosidade, exploração e interesse em conhecer, mexer e brincar. Com tudo o que veem e conseguem alcançar, desenvolvem a sua imaginação e criam todo o tipo de brincadeiras. Neste contexto é então desenvolvido a imaginação, curiosidade e o ímpeto exploratório pois a criança mostra-se mais aventureira colocando os medos de lado e tentando aproveitar estes momentos de brincadeiras.

Um relatório publicado pelo Conselho de Suade Holandês (RMNO, 2004, citado por Kim Napoleão, 2019), conclui que o contacto da criança com a natureza promove o desenvolvimento social e emocional da criança criando ainda sentimentos de pertença. Concluem ainda que as brincadeiras na natureza criam ferramentas fundamentais para o desenvolvimento futuro da criança não só a nível pessoal como também atitudes positivas face ao ambiente.

11. Discussão de dados

Neste subcapítulo irei aprofundar os dados acima apresentados triangulando com os restantes instrumentos de recolha de dados que recolhi, a destacar, as notas de campo e os registos fotográficos realizados ao longo dos dias de estágio e ainda registos feitos pela educadora cooperante que pude consultar.

Como referi anteriormente, neste estudo pretendo identificar e compreender as diferenças a nível da implicação e do bem-estar da criança em ambiente sala de atividades e espaço exterior (natureza). Começando por analisar o envolvimento da criança, que tal como referem Carvalho e Portugal (2017, p.42): “Estar implicado vai muito além de “estar ocupado” e não se resume à ação repetitiva e rotineira”. Ao analisar esta afirmação e pelo que consegui observar em estágio, fazendo parte das minhas notas de campo, percebemos que a criança, ao realizar, por exemplo, um jogo ou uma proposta solicitada pela educadora cooperante, não significa necessariamente que esta esteja verdadeiramente implicada nela. Muitas vezes realizam-na apenas porque foi pedido e não porque realmente têm vontade de a fazer naquele momento.

As propostas e os materiais postos à disposição da criança devem ser estimulantes, atraentes e com diferentes graus de dificuldade, indo ao encontro dos seus gostos e preferências para que esta vá adquirindo diversas aprendizagens de forma verdadeiramente implicada. Por isso, a oferta educativa, as rotinas, o clima de grupo e a forma como o educador estrutura as atividades podem restringir (ou não) as brincadeiras das crianças (Portugal & Laevers, 2018). Sendo que, tal como refere Rosa (2013, citado por Maia, 2020), as características individuais de cada criança e o contexto da instituição são aspetos importantes que influenciam a implicação.

Segundo o que foi referido e ao analisar os dados, consegui perceber que o nível de implicação em ambiente natureza é mais elevado do que em ambiente sala. As crianças exploram todos os espaços e materiais à sua disposição e envolvem-se nas suas brincadeiras de uma forma, que muitas vezes parecia que não existia mais nada à sua volta. As crianças tentam, experimentam, partilham e perguntam tal como posso verificar nos registos fotográficos e nos registos da educadora cooperante. Em tudo e com tudo usam a sua curiosidade e imaginação para criar um mundo aos seus olhos. De acordo com Fjortoft e Sargeie (2000, citado por Ferreira, 2014), as oportunidades de explorar e o estímulo da criatividade estão diretamente relacionadas com o tipo e o número de recursos que existem no espaço.

No espaço sala, embora alguns jogos e brinquedos fossem alterados, já eram do conhecimento e prática do grupo tornando-se, por vezes, monótono. No espaço natureza há sempre algo novo que se descobre. Os locais iam variando durante as deslocações pelo jardim e por isso havia sempre diferentes fenómenos a explorar e conhecer tornando as brincadeiras mais interessantes e diversificadas. Acho ainda que a liberdade dada pelos adultos, para que as crianças se sintam à vontade nas suas brincadeiras sem a presença constante da figura do adulto ao seu lado, era fundamental pois a criança mostra-se mais à vontade e envolve-se de forma mais livre.

Relativamente ao bem-estar, tal como Carvalho e Portugal (2019, p.42) referem: “Sem bem-estar é menos provável que haja elevada implicação, uma vez que a criança não está disponível para se entregar por completo a uma atividade ou estímulos”.

Embora se vejam níveis de prazer/alegria e tranquilidade no espaço sala existem também níveis notórios de desconfiança, agressividade e isolamento, principalmente com a partilha de materiais ou espaço, que raramente observei nas brincadeiras na natureza. Consequentemente, o mesmo acontece com os níveis de motivação, persistência, satisfação e ímpeto exploratório pois no espaço sala os jogos/brinquedos repetem-se com mais frequência e no exterior encontra-se mais variedade.

A satisfação de necessidades básicas é determinada no bem-estar emocional vivido pela criança, sendo que este é um fator que indica a qualidade existente na relação entre a criança e o contexto (Laevers, 2005, citado por Portugal & Laevers, 2018). Por isto, os níveis de bem-estar serem mais elevados no contexto da natureza pois a criança encontra mais espaço e liberdade para se entregar a si própria e ao contexto, satisfazendo assim as suas necessidades físicas e adquirindo noções de segurança/perigo, perceber os seus limites, sentir-se competente, resolver os seus problemas; ajudar os outros, criar alternativas e estratégias e ainda adquirir e compreender alguns valores. As birras e as discussões, consoante as minhas notas de campo, derivadas à partilha de brinquedos, por exemplo, são menos notórias pois as crianças tentam arranjar imediatamente soluções para si ou para o amigo, mostrando-se mais aventureiras, descendo e subindo rampas, saltando, molhando-se com lama ou água.

As crianças que apresentavam mais dificuldades de expressão quando se encontram em contacto com a natureza, também tentam expressar-se da melhor forma que conseguem, muitas vezes com a simples partilha de uma flor ou de paus entre criança-criança e criança-adulto. Este contacto é benéfico física, psicológica e socialmente para a criança por ser um meio para a aprendizagem, desenvolvimento e bem-estar (Maia, 2020).

Consoante o que tive oportunidade de observar, os pares que normalmente brincam juntos na sala, em contexto natureza altera-se. Curioso, que muitas crianças gostam de explorar este ambiente sozinhas. Mas sempre com muita energia, risos e entusiasmo sempre que a conversa é “vamos para a natureza”.

CONSIDERACOES FINAIS

Considerações Finais

Neste capítulo apresenta as principais conclusões do estudo que foram mencionadas e questionadas ao longo de toda a investigação.

Embora nos dias de hoje já se valorize as brincadeiras na natureza, ainda há muitos pais e instituições que ainda não exploram este ambiente por receio ou aversão ao risco. Contudo, mesmo que as crianças não tenham esta oportunidade em casa, é importante que os educadores adotem uma postura flexível e mudem a sua mentalidade proporcionando momentos de brincadeira na natureza, vendo esta não como uma ameaça, mas sim como um local de oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento para as crianças, permitindo-as conhecer o mundo que as rodeia, valorizando e respeitando o meio ambiente, a si mesmas e aos outros. Tal como refere Ferreira (2014, citado por Maia, 2020), os elementos naturais ajudam a criança na resolução de problemas e permitem que estas vivenciem situações práticas. Além disso, estes elementos promovem diversos tipos de jogo (jogo dramático, jogo construtivo e de exploração) proporcionando experiências sensoriais, reconhecimento e noção de utilização do seu corpo.

Este estudo mostra que as crianças obtiveram níveis mais elevados de implicação e bem-estar quando brincavam e tinham contacto com a natureza. Não descartando o ambiente da sala que, bem pensado e estruturado pelo/a educador/a também promove bons momentos de desenvolvimento e aprendizagem. Tal como referido nas OCEPE (2016, p.26): “A organização do espaço sala é expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este/a se interrogue sobre a sua função, finalidades e utilização”, permitindo assim “que a sua organização vá sendo modificada, de acordo com as necessidades e evolução do grupo” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016). Contudo, os materiais acabam por tornar-se um pouco repetitivos e o espaço em si não é tão grande e vasto como num ambiente no exterior onde a criança pode correr e saltar livremente e ter contacto com certos materiais, características e fenómenos que os fazem crescer física, psicológica e socialmente de forma mais realista e saudável.

Concluindo, esta investigação contribuiu para realçar a importância do contacto e das brincadeiras no espaço exterior com esperança e desejo que em todas as instituições se torne cada vez mais frequente pois a criança desenvolve-se de forma plena quando se encontra em contacto com os materiais naturais. Podemos ainda perceber que o nível de implicação da criança é influenciado pelo nível de bem-estar, sendo que uma criança que não se encontre bem, não se vai implicar de uma forma tão intensa em comparação a uma criança com um nível

elevado de bem-estar. Quando mais feliz, segura e confiante, mais uma criança dá e mostra nas suas brincadeiras e conseqüentemente se desenvolve de forma plena e saudável.

Limitações e alterações

Como limitações que condicionaram a análise dos dados em estudo nesta investigação, posso destacar em primeiro lugar os últimos tempos invulgares, devido à pandemia, que nos dificultou o período de estágio com várias interrupções. Conseqüentemente íamos “recomeçando do zero” o que não facilitou na recolha dos dados.

De seguida, posso mencionar o facto de as educadoras estagiárias terem de intervir consoante o perfil educativo da educadora cooperante e por vezes não podermos aplicar as nossas estratégias e métodos.

Em terceiro lugar, tenho a referir como limitação, o tempo passado na natureza. Na minha opinião, deveria ser mais, até para as crianças não interromperem as suas brincadeiras de forma tão repentina. Nesta realidade, não era possível devido as horas das refeições que tinham de ser respeitadas.

Por fim, posso ainda referir, a impossibilidade de ter um amigo crítico na recolha de notas de campo e do preenchimento das tabelas para ter outra perspetiva e uma forma de comparação das minhas observações.

Bibliografia

- Aires, L. (2011). Paradigmas Qualitativo e Praticas de Investigação Educacional. Lisboa: Universidade Aberta.
- Amado, J. (2014). Manual de Investigação Qualitativa em Educação (2ªed). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Araújo, M. (2009). Crianças Ocupadas. Lisboa: Prime Books.
- Bento, G. (2015). Infância e espaços exteriores – perspetivas sociais e educativas, a atualidade. Investigar em Educação. IIº, nº4.
- Bento, G., & Portugal, G. (2016). Valorizando o espaço exterior e inovando praticas pedagógicas em educação de infância. Revista Iberoamericana de Education, vol.72, 90-92.
- Bento, M. (2012). O perigo da segurança: estudo das perceções de risco no brincar de um grupo de educadores de infância. (Dissertação de Mestrado: Universidade de Coimbra).
- Cabral, A., & Félix, C. (2017). Organização dos espaços na educação infantil: o lúdico como facilitador de práticas significativas.
- Carvalho, A., Alves, M., & Gomes, P. (2005). Brincar e Educação: conceções e possibilidades. Psicologia em estudo 10(2).
- Carvalho, C., & Portugal, G. (2017). Avaliação em creche: CRECHendo com qualidade. Coleção NOVA CIDInE. Porto Editora.
- Carvalho, L. (2007). Imagens da Infância: Brincadeira, brinquedo e cultura. (Dissertação de mestrado: Faculdade de Educação da UFMG).
- Carvalho, M. (2016). A importância do brincar na construção de conhecimentos de crianças no pré-escolar. (Dissertação de Mestrado: Universidade Fernando Pessoa).
- Chéreau, M., & Fauchier-Delavigne, M. (2019). L'enfant dans la nature. Fayard
- Coelho, A. (2004). Educação e Cuidados em Creche: Conceptualização de um grupo de educadoras. (Dissertação de doutoramento: Universidade de Aveiro).
- Coelho, A., & Vale, V. (2017). Reflexões em torno do brincar em contextos de Educação de Infância. Revista Observatório, vol. 3, nº6.
- Coelho, A., Vale, V., Bigotte, E., Figueiredo, A., Duque, I., & Pinho, L. (2015). Oferta educativa outdoor como complemento de educação pré-escolar: os benefícios do contacto com a natureza. Revista de estudos e investigacion em Psicologia – Education, Extr (10).
- Cornell, J. (2017). Vivre la nature avec les enfants. Jouvence.
- Crespo, T. (2016). A importância do brincar para o desenvolvimento da criança. (Dissertação de mestrado: Instituto Politécnico de Portalegre).
- Cristeto, A. (2019). “Vamos à rua” – o brincar no exterior na creche e no jardim de infância. (Dissertação de Mestrado: Instituto Politécnico de Setubal).
- Direitos das crianças. Disponível em: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tiduniversais/dc-declaracao-dc.html>, consultado a 15 de fevereiro de 2021

Ferjou, C., & Fauchier-Delavigne, M. (2020). Emmenez les enfants dehors !. Comment la nature est essentielle au développement de l'enfant. Robert Laffont.

Ferreira, A. (2014). Interação Criança-Espaço Exterior em Jardim de Infância. (Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro).

Ganhão, F. (2017). Brincar sem teto: A importância do espaço exterior na creche e no jardim de infância. (Dissertação de Mestrado – Instituto Politécnico de setúbal).

Gill, T. (2010). Sem medo. Crescer numa sociedade com aversão ao risco. Cascais: Principia.

Hanscom, A. J. (2018). Descalços e Felizes -Como a brincadeira ao ar livre promove crianças fortes, confiantes e capazes. Lisboa: Livros Horizonte

Justo, A. (2016). Finalidades e Práticas Educativas em Creche: Bem-estar e Envolvimento como Processos Centrais. (Dissertação de Mestrado: Escola Superior de Educação de Infância Maria Ulrich).

Kishimoto, M. (1995). O jogo e a educação infantil. Perspectiva, nº 22.

Kishimoto, M. (2002). Brincar e as suas teorias. São Paulo: Pioneira.

Kishimoto, M. (2010). Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. I seminário nacional do currículo em movimento. Brasil: Ministério da Educação.

L'Ecuyer, C. (2017). Educar na realidade. Lisboa: Planeta.

Lillard, P., & Jessen, L. (2019). Montessori pour les tout petits : Elever des enfants confiants et autonomes dès la naissance.

Madoun, S. (2019). As escolas alternativas. Plátano Editora. Lisboa.

Maia, C. (2020). Os espaços interior e exterior: um estudo de caso em contexto pré-escolar. Relatório Final em Educação Pré-Escolar. Instituto Politécnico de Coimbra.

Montessori, M. (1936). L'ENFANT. Desclée de Brouwer. Traduzido por: Charlotte Poissin (2018).

Morais, G. (2018). A perspectiva das crianças acerca do brincar. (Dissertação de Mestrado: Instituto Politécnico de Coimbra).

Moura, M. (2009). Organização do espaço: contribuições para uma educação de qualidade. Brasília: Dissertação UNB.

Mustapa, D., Maliki, Z., & Hamzah, A. (2018). Benefits of Nature on Children's Developmental Needs: A Review. Asian Journal of Behavioural Studies. Researchgate.

Napoleão, K. (2019). À descoberta da natureza com crianças de 5 anos. (Dissertação de mestrado: Instituto Politécnico de Coimbra).

Nelsen, J., Erwin, C., & Duffy, R. (2019). La Discipline Positive de 3 à 6 ans. Editions au Toucan. Adaptado por Béatrice Sabaté e Armelle Martin.

Neto, C. (2020). Libertem as crianças – A urgência de brincar e ser ativo. Contraponto. Lisboa.

- Nono, M. (s.d). O brincar na educação infantil. Universidade estadual Paulista.
- Nono, M. (s.d). Organização do tempo e do espaço na educação infantil – pesquisas e praticas. Universidade estadual Paulista.
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. (2017). Educação em Creche: Participação e Diversidade. Coleção Infância. Porto Editora.
- Portugal, G., & Laevers, F. (2018). Avaliação em Educação pré-escolar: sistema de acompanhamento das crianças. (2ªEd). Porto Editora.
- Portugal, G. (2012). Finalidades e praticas educativas em creche – das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche. Universidade de Aveiro.
- Rosa, A. (2013). A importância de brincar no espaço exterior: análises dos níveis de Envolvimento de crianças em idade pré-escolar. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra).
- Santos, J. & Sousa, G. (2016). O lúdico como contribuição para a aprendizagem. Revista Brasileira de Educação e Saúde.
- Sarmento, T., Ferreira, F., & Madeira, R. (2017). Brincar e aprender na Infância. Coleção Infância. Porto Editora.
- Scotland, E. (2010). Pre-Birth to Three : Positive Outcomes for Scotland’s Children and Families. National Guidance.
- Silva, L. I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a educação pré-escolar. Lisboa: Ministério da Educação/ Direção Geral da Educação (DGE)
- Simões, A. (2015). O papel do educador de infância no brincar da criança. Relatório de estágio para obtenção de mestre em educação pré-escolar. Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Sousa, M. e Baptista, C. (2011). Como fazer investigação, dissertação, teses e relatórios. Editor: Pactor.
- Venancio, F. (2013). O ato do brincar e o desenvolvimento infantil. (Trabalho de conclusão de curso apresentado a curso de Graduação em Pedagogia: Universidade Estadual da Paraíba).
- Wauquiez, S. (2008). Les enfants des bois: Pourquoi et comment sortir en nature avec de heunes enfants.
- Xavier, F. (2019). Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Resenha de FREIRE, Paulo. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra (1996).

